

Mulheres, neoliberalismo e gestão da violência no Sul Global

VITOR TORRES

RESENHA: FALQUET, Jules. **Pax Neoliberalia:** mulheres e a reorganização da violência neoliberal. São Paulo: sobinfluencia edições, 2022.

Analisado por pensadoras dos mais diversos campos de saber das ciências humanas, o neoliberalismo é frequentemente caracterizado a partir das diferenças que suas formulações teóricas e experiências históricas de operacionalização estabelecem frente ao capitalismo fordista, tipologia antecessora do atual estágio de governamentalidade em voga.

Se nos estudos tradicionais essas diferenças são expostas majoritariamente nos territórios da produção de mercadorias, das relações e organizações do trabalho, e na ação dos agentes e políticas de Estado, em *Pax Neoliberalia: mulheres e a reorganização da violência neoliberal* Falquet lança uma mirada crítica para analisar um território marginalmente associado ao neoliberalismo, a gestão da violência.

Publicado em 2022 pela sobinfluência edições, o livro traz, em quatro capítulos, uma análise em perspectiva transnacional de como em diferentes democracias do sul global (El Salvador, Turquia, Guatemala e México) os processos de reorganização neoliberal da coerção passam diretamente pela violência contra as mulheres. A autora propõe, a partir da tradição feminista materialista, que a importância basilar dessa violência articula lógicas que imbricam raça e classe, e pode ser explicada por um duplo movimento característico da implantação das políticas neoliberais, expressa pela expansão do uso da força de trabalho das mulheres e técnicas violentas

VITOR TORRES

Vitor Torres - Doutorando em Sociologia pelo
PPGS-UECE.
E-mail: vitorortresm@hotmail.com

domesticação e anulação das potências propositivas de seus movimentos e organizações.

O espaço temporal das análises apresentadas nos capítulos se confunde com a própria trajetória de pesquisa de Falquet. Iniciando nos anos 1990, período que a autora desenvolveu sua tese de doutorado acerca dos movimentos e organizações de mulheres em El Salvador, e quando parte dos países estudados estavam recém saídos de ditaduras militares e guerras civis, e passavam por processos de redemocratização, os escritos se estendem até a segunda década dos anos 2000, onde novas táticas de implantação do neoliberalismo reativaram dispositivos coloniais, como o extrativismo e o assassinato das populações que se colocam contra tais projetos político-econômicos.

O que conecta esses escritos, então, para além da implantação das políticas neoliberais nos países estudados, é a percepção da violência enquanto um *continuum* do sul global. A autora identifica como expressão máxima dessa perenidade uma guerra de baixa intensidade operacionalizada como um mecanismo de controle social contra as mulheres, envolvendo, assim, organizações governamentais e paraestatais, cujo resultado é a impunidade daqueles que cometem atos de violência contra as mulheres.

Logo no primeiro capítulo, intitulado “Guerra de baixa intensidade contra as mulheres? A violência doméstica como tortura a partir de El Salvador”, Falquet (2022) desenvolve sua reflexão assinalando um paralelo entre a violência doméstica e a tortura. Definindo-as em suas especificidades, a autora estabelece essa relação com base no uso que é dado a ambas, entendendo-as, portanto, como “um instrumento chave na manutenção das relações sociais de sexo e da ordem social”.

Para aprofundar sua afirmação, Falquet recorre a pensadoras latino-americanas¹ que dispararam semelhantes miradas que coloca em mesmo plano um fenômeno tido como “político” e outro tido como “privado”, mas que se assemelham: por ocorrerem em um espaço de “não direito”; pela condição de silenciamento das

1 No texto há diálogos diretos com os trabalhos de Mercedes Cañas (1989), Elizabeth Lira e Eugenia Weinstein (1990).

vítimas, cujos gritos não são ouvidos, e quando ouvidos, não são escutados; e sobretudo por serem executadas por meio de técnicas que conformam uma subjetividade traumatizada nas vítimas.

Outra simetria observada por Falquet enfoca que o uso sistemático da violência doméstica resulta na formação de pessoas dominadas, pois

(...) tanto na tortura política, quanto na violência doméstica, a vítima é colocada numa posição de isolamento material, moral e social, destinado a fragilizá-la e a organizar sua impotência relativa ou absoluta face àquele que a maltrata [...] tanto na violência doméstica quanto na tortura, a violência física é entretecida a sofrimentos psicológicos, que se apoiam por vezes em técnicas muito elaboradas, mesmo que [...] pareçam ser utilizadas de forma inconsciente (2022, p. 35-38).

Constantemente reforçado o domínio por novas “sessões” de violência, diferentes psicodinâmicas de torturas podem ser percebidas nos discursos das mulheres que sofreram violência doméstica. Os fenômenos de internalização das agressões sofridas passam pela dissociação psicológica dos atos violentos, se exprimem em quadros subjetivos de autodestruição, impotência, confusão, culpabilidade e desvalorização da vítima por si mesmo, após já terem sido desumanizadas pelos que realizam as agressões.

Ao pensar as relações entre esses dois exercícios da violência para além da dimensão individual de cada caso, é nas semelhanças de seus desdobramentos no corpo social que Falquet (2022, p. 60) reforça os efeitos coletivos da violência doméstica, bem como sua conclusão da relação com a tortura.

Ambas são pensadas enquanto técnicas de guerra de baixa intensidade, pois se caracterizam por operacionalizarem simultaneamente uma repressão seletiva a um grupo que deve ser mantido reprimido e fora das disputas e decisões políticas, promovendo o terror generalizado que relembra cotidianamente que mulheres não submissas e resignadas a um papel de subserviência, dentro e fora de seu lar, podem ser as próximas vítimas de uma violência que não há a quem recorrer.

Após realizar os apontamentos da violência exercida para a conformação de subjetividades femininas submissas, o capítulo seguinte intitulado “Além das lágrimas dos homens: a instituição do serviço militar na Turquia” traz uma análise do processo formativo dos sujeitos que exercem as agressões, os homens.

Dialogando com as pesquisas de Pinar Selek, estudiosa do serviço militar turco, que não é apenas obrigatório e exclusivo para homens, mas de grande peso social naquela nação, onde só após tal experiência os homens são socialmente legitimados a casar e constituir família, Falquet indica que a análise desse fenômeno traz com muita clareza a compreensão de como a violência pode ser também utilizada para a formação de um grupo social dotado de inúmeros privilégios.

Ao iniciarem seu período de serviço, os recrutas turcos passam, nos primeiros meses do serviço, por uma série constante de atos de desumanização. Desde o uso do mesmo corte de cabelo, de uma linguagem hierárquica e despersonalizante, até a violência física e verbal incessante e permanente, esses jovens recebem, ao final desse período, uma arma, uma farda, e uma posição hierárquica superior aos novos jovens recrutas e demais civis.

O esforço da autora, vai na direção da quebra de duas teses problemáticas e mais próximas de um senso comum do que de uma análise sociológica feminista materialista. A primeira afirma que os homens adquirem individualmente e dolorosamente sua masculinidade por meio da violência; já a segunda em concordância com a anterior, explica a violência masculina como uma reação ao trauma sofrido (Falquet, 2022, p. 71).

A problemática dessa dupla tese reside principalmente em seu desdobramento. Entendendo e considerando essa experiência apenas em sua face traumática, é gerada uma compaixão que ameniza e justifica episódios bruscos de violência masculina, principalmente contra suas esposas ou demais mulheres “inferiores” a eles na hierarquia social, apontando-os como a primeira vítima dessa violência que executam.

Para refutá-las, portanto, baseando-se novamente nos escritos que compõem uma psicologia da guerra e da violência no terceiro mundo, que têm em Ignacio Martín Baró (1990) sua referência,

Falquet ressalta que dois aspectos desse serviço militar são fundamentais para entender a diferença entre a violência desenvolvida sobre cada gênero. O primeiro deles é a violência ali exercida é controlada e calculada para transmitir àqueles jovens uma pedagogia militar, que, entrando no segundo aspecto, o faz aprender a se comportar e desejar aqueles signos, e ascender na hierarquia daquele grupo.

Dessa maneira, a violência destinada às mulheres os coloca em uma posição de submissão e atomização, já a destinada aos homens fornece uma posição social privilegiada, integrando-os ao corpo social e lhes concedendo o “direito” de utilização sobre personagens sociais minoritários.

Situados os usos da violência na constituição do lugar social dos homens e mulheres, o capítulo terceiro “Os feminicídios de Ciudad Juárez e a recomposição neoliberal da violência” mergulha na dimensão social da violência e sua relação com a implantação das políticas liberais no México, mais especificamente numa cidade fronteiriça marcada pela atividade migratória, pelas zonas francas de comércio e pela instalação de organizações criminosas do tráfico de drogas.

A autora observa o ano de 1993, no qual se registrou um aumento de feminicídios com características brutais de violência sádica em todo o país, como o início de uma onda aterrorizante que se aprofundara mais ainda em 1994, ano marcado pela entrada em vigor do NAFTA,² e da rebelião indígena de Chiapas no sul do país. Em Ciudad Juárez, naquele ano, foi instituída uma zona franca, fato que acelerou um já iniciado processo de industrialização, migração, violência armada e um brutal aumento de feminicídios.

Partindo de uma rápida revisão bibliográfica acerca do conceito de feminicídio, Falquet (2022, p. 99 e 107) indica que para além dos diversos usos que foram dados ao conceito, variando desde a

2 O Tratado Norte-Americano de Livre Comércio foi um acordo comercial assinado entre México, Canadá e Estados Unidos em 1993. Ciudad de Juárez é um lugar estratégico para esse acordo, pois ao compor a fronteira entre México e Estados Unidos é uma das cidades ideais para a implantação de fábricas, armazéns e outros espaços de circulação de pessoas, coisas e capital.

percepção da existência de um *continuum* de violências masculinas contra as mulheres, até uma categorização das diversas modalidades dessas violências, Ciudad de Juárez se caracteriza por “feminicídios sexuais sistêmicos”, onde as mulheres assassinadas estão, na imensa maioria dos casos, circunscritas em intersecções minoritárias como: racializadas, operárias e estudantes moradoras de periferias, componentes da mão de obra mais barata e abundante na região.

A autora realiza, ainda, uma crítica à abordagem essencialista desenvolvida em diversas abordagens acadêmicas do fato, onde a tentativa de explicação desses atos sistêmicos de violência converge para a afirmação de uma masculinidade pretensamente em crise, e que precisa ser reafirmada.

A crítica colocada por Falquet se baseia na percepção de que esses argumentos dialogam, em certa medida, com uma essencialização do homem e do ser homem, e conformam uma masculinidade que está para fora da história, ignorando, assim, a realidade material do período em que são estudadas, em prol de uma natureza masculina.

Ao afirmar essa masculinidade enquanto um constructo mutável e histórico, ela advoga uma mirada que associa os feminicídios sistêmicos a um cenário neoliberal no qual a mão de obra feminina torna-se indispensável às indústrias e comércios locais (legais e ilegais). Do mesmo modo, é indispensável a contenção dessas mulheres em suas ações de organização e movimentação política, sendo, portanto, os feminicídios ali praticados, um dispositivo de controle social sobre quais corpos podem ocupar e disputar os espaços públicos e projetos políticos, e quais devem apenas trabalhar em condições subalternas e precárias.

O quarto e último capítulo “Lutas (de)coloniais do “território-corpo”: da guerra ao extrativismo neoliberal na Guatemala”, mais do que um texto de análise da violência sobre as mulheres, é um texto panorâmico que chama atenção para as táticas e movimentos de mulheres que, situadas no norte guatemalteco, desenvolvem diversas ações de resistência aos novos projetos extrativistas do neoliberalismo em sua face extrativista colonial.

Historicamente vítimas dos massacres e expulsão de seus territórios originários, ação base do colonialismo, a autora apresenta como a relação território-corpo, separada no pensamento ocidental, é a chave de ação das mulheres indígenas de diversas etnias Maia. Alternando ações nas esferas institucionais (comissões de direitos humanos e acusações formais a órgãos internacionais), e ações diretas em seus territórios originários (organização de exércitos populares, atividades de sabotagem e performances artísticas), essas mulheres desenvolvem uma árdua luta que desde 2005 vem freando obras de infraestrutura que objetivavam facilitar a exploração dos recursos vegetais e minerais de sua região, que junto ao progresso traziam sistemáticos massacres e estupros das mulheres indígenas dali oriundas.

O livro de Jules Falquet se torna indispensável para compreensão do neoliberalismo ao trazer sua face mais explícita, a da guerra civil. Se na sua experiência histórica na América Latina ele se expressa inicialmente a partir da exceção, como no Chile de Pinochet, sua atualidade é ainda mais assustadora, pois incrustado nas democracias, realiza, dentro da esfera do direito e da violência organizada a eliminação biopolítica de grupos sociais que julga descartáveis (Dardot et al, 2021).

REFERÊNCIAS

BARÓ, Ignacio Martín (org.). **Psicología de la guerra**: trauma y terapia. San Salvador: UCA, 1990.

DARDOT, Pierre et al. **A escolha da guerra civil**: uma outra história do neoliberalismo. Tradução de Márcia Pereira Cunha. São Paulo: Editora Elefante, 2021.